



A INCREDELIDADE FRENTE À MALDADE NO HOLOCAUSTO: CHOQUE DAS VÍTIMAS, PROVEITO DOS ALGOZES E REVISIONISTAS¹

Sofia Débora Levy*

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

sofiadebora@hotmail.com

Francisco Ramos de Farias**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

frfarias@uol.com.br

RESUMO: O grau de maldade perpetrada pelos nazistas no Holocausto foi de tamanha perversidade que chega a gerar reações de incredulidade naqueles que lá não estiveram. Desde aquele período, essa descrença foi utilizada pelos nazistas como salvo-conduto para suas ações destrutivas. Estarrecidas, as vítimas tinham que encontrar recursos para superar o choque e se manter de pé. Depois da guerra, os sobreviventes buscam colocar em palavras suas dores, enfrentando essa incredulidade como meio de combater os grupos revisionistas que dela se aproveitam para distorcer a história.

PALAVRAS-CHAVE: Holocausto – Perversidade – Incredulidade - Revisionismo

UNBELIEF IN FACE OF THE EVIL IN THE HOLOCAUST: VICTIMS' SHOCK, TORMENTORS BENEFITS AND REVISIONISTS

ABSTRACT: The degree of evilness perpetrated by the Nazis in the Holocaust was of such perversity that leads to incredulous reactions in those who were not there. Since that time, this disbelief has been used by the Nazis as a safe conduct for their destructive actions. Dumbfounded, the victims had to find resources to overcome the shock and remain standing. After the war, survivors seek to put into words their pain, facing this unbelief as a way to combat the revisionist groups who exploit it to distort history.

¹ Este artigo é uma versão revista e ampliada do trabalho preliminar apresentado e publicado nos anais do II SIM – Seminário Internacional em Memória Social – Rio de Janeiro, PPGMS/UNIRIO, 2016. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

* Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social

** Professor Supervisor de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 - CNPq

KEYWORDS: Holocaust – Perversity – Incredulity – Revisionism

Lembrar. Não esquecer. Testemunhar. Honrar os mortos. Assim o Prêmio Nobel da Paz Elie Wiesel, judeu romeno falecido em 02 de julho de 2016, que escreveu mais de cinquenta livros com o intuito de transmitir sua experiência, entendeu o seu dever como sobrevivente do Holocausto. Com tudo o que passou, registrou em diversas de suas obras a dificuldade inerente a quem busca nominar a perversidade vivida nos campos de concentração. Amplamente estimulada nessas instituições totais como forma de subjugação e demonstração de poder pelo terror, a perversidade é um tipo de maldade na qual a disposição para o mal é intencional e racionalizada. Em sua origem etimológica latina, perverter significa deturpar e, segundo Patrick Vignoles (1991), é a maldade executada com lucidez, consciência, cinismo e prazer por quem deturpa a lei e a moral, colocando-se acima do bem e do mal. E a ordem nos campos de concentração era inversa às normas de convivência regular na sociedade além-muros, da qual os prisioneiros foram excluídos, com perda total de cidadania, sem possibilidade de nenhum recurso apelativo em sua defesa.

Apesar da dificuldade de colocar em palavras o horror por ele vivenciado e testemunhado, Wiesel entendeu a importância de levar as pessoas a encarar essa dimensão da história e da realidade da conduta humana tal como perversamente perpetrada pelos nazistas, os quais, sabedores de sua malignidade no trato com as pessoas que caracterizavam como sub-humanos – comunistas, deficientes físicos e mentais, ciganos, testemunhas de Jeová, afrodescendentes, homossexuais, opositores políticos e, abaixo de todos, os judeus -, investiam na incredulidade das narrativas dos eventuais sobreviventes, bem como no esquecimento de seus feitos, que simplesmente o passar dos anos se encarrega de ocasionar (WIESEL, 1984).

REVISIONISMO

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial até os dias de hoje, revisionistas e negacionistas, simpatizantes daqueles algozes, repetem seus investimentos com a deturpação e na negação da história do Holocausto. Muitas vezes, no senso comum, revisionismo e negacionismo são conceitos usados indiscriminadamente, sendo o

segundo entendido como um tipo de revisionismo extremado, pela negação total da existência dos fatos ocorridos e registrados pela História. Segundo o historiador Reuven Faingold (2011), os negacionistas preferem utilizar o termo revisionismo para uma descrição de seus pontos de vista devido à diferença de rigor metodológico: os negacionistas baseiam-se em conclusões pré-determinadas, que ignoram evidências históricas; já as metodologias revisionistas são reconhecidas academicamente. Há inúmeras teses versando sobre essa insuflada polêmica, na qual figuram manipulações de informações, números e mesmo imagens – como pode ser facilmente conferido nos diversos sites revisionistas disponíveis na internet, cujos títulos - tais como “a grande farsa do Holocausto judeu” (VERDADE, 1945, 2007) - atraem incautos e desenvolvem argumentações detalhadas nas quais não poupam sobreviventes e seus respectivos depoimentos, que consideram falaciosos e contraditórios. Nesse mesmo blog, Elie Wiesel é chamado de impostor; o sobrevivente Ben Abraham é chamado de mentiroso – ele que veio para o Brasil e aqui viveu, radicado em São Paulo até o fim de seus dias, jornalista e autor de diversos títulos em português nos quais narra tanto sua história de vida quanto suas pesquisas sobre o Holocausto, que abrangem inúmeras reportagens sobre o tema compiladas ao longo de décadas (ABRAHAM, 1976; 1979; 1985; 1986; 1989; 1996). Abraham justamente se preocupou em documentar e publicar o maior número de textos e imagens comprobatórias do nazismo e do Holocausto por ter ciência da gravidade dos intentos revisionistas e negacionistas. Foi um incansável ativista que durante muitos anos presidiu a *Sherit Hapleitá* Brasil (Associação dos Sobreviventes Vítimas da Perseguição Nazista), tendo proferido inúmeras palestras nas quais narrava sua vida antes, durante e depois do Holocausto para plateias das mais diversas idades, origens e credos.

Entendemos o negacionismo como uma forma de violência na qual pelo silêncio, indiferença, deturpação dos fatos, a história de uma coletividade ou de um indivíduo é desconsiderada e tratada como se não existisse. Trata-se de uma anulação existencial. Suas consequências impactam a estruturação psicológica global do indivíduo ou grupo em questão pela descontinuidade decorrente da não confirmação da vivência pelo outro. Essa descontinuidade acontece pela denegação, a recusa em admitir a veracidade dos fatos descritos, relatados, advindo um hiato que desencadeia um mal-estar tal que desequilibra aquele que está a enunciar a verdade dos fatos tais como aconteceram. Podemos perceber tal desequilíbrio ilustrado no comportamento da protagonista do filme dirigido por Mick Jackson, intitulado em português “Negação” (DENIAL, 2016), baseado em fatos reais em

torno do processo judicial no qual o inglês David Irving, revisionista do Holocausto, processa a professora norte-americana Deborah Lipstadt por difamação por ter assim aludido a ele. De acordo com a corte inglesa, coube à ré, indignada, provar que o Holocausto aconteceu e que Irving era, sim, um revisionista. Ao longo do processo, Lipstadt se exalta em vários momentos diante do riso cínico com o qual Irving se deleitava frente aos esforços de sua acusada – pasma por ter que responder pormenorizadamente aos pontos questionados por Irving sobre o Holocausto, apesar das provas contundentes e de inúmeros testemunhos de sobreviventes, alguns dos quais seus conhecidos e para com quem se sentia no dever de vencer todas as etapas do processo.

A denegação tem efeitos deletérios em quaisquer relações interpessoais. No caso do Holocausto, essas consequências afetam de perto os próprios sobreviventes e seus descendentes, mas também demais membros dos grupos vitimados, e opositores do nazifascismo em geral, que não se escusam de reconhecer as atrocidades cometidas naquele período, bem como a virulência do discurso negacionista. As reações de defesa dos sobreviventes podem se dar de modo instintivo, tais como aquelas inflamadas de alguns sobreviventes presentes ao julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém, diante da impassibilidade do réu – o qual, como registrou Hannah Arendt, que estava presente naquela ocasião na condição de jornalista correspondente, “em geral, ele era bem calmo e não estava zangado quando ameaçou não responder qualquer outra pergunta” (ARENDDT, 1983 p. 233).

Segundo Faingold, os primeiros escritos revisionistas são de autoria de Paul Rassinier, autor do livro *Desmascarando o mito do Holocausto*, de grande aceitação entre seus parceiros ideológicos. Nascido em Munique, Rassinier era comunista, participou da Resistência, foi preso pela Gestapo em outubro de 1943 e submetido a trabalhos forçados no campo de concentração de Buchenwald e Dora – mas, segundo Pierre Vidal-Naquet (1988), sua experiência nesses campos foi mais a de um condenado de base do que de um militante político.

De acordo com Elisabeth Roudinesco (2008, p. 139), a historiografia revisionista foi criada por Rassinier, bem como por Robert Faurisson, Serge Thion, e propagada pela revista *Vieille Taupe*. Aclamavam seu direito à liberdade de expressão para poderem dizer o que bem quisessem sobre o Holocausto. Vidal-Naquet (1988), que viu seus pais serem deportados, e teve sua mãe morta em Auschwitz, a eles se referem como *os assassinos da memória* já no título de sua obra, na qual apresenta um estudo com detalhado registro de

manifestações revisionistas, inúmeras fontes e provas documentais das argumentações propaladas por Faurisson e outros expoentes do revisionismo e negacionismo do Holocausto ao longo de anos, repletas de alusões nazistas, neonazistas, anticomunistas, antissemitas e antissionistas. Dentre seus objetivos, Vidal-Naquet (1988, p. 40) sublinha o de “privar ideologicamente uma comunidade do que representa sua memória histórica”, pelo que, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os judeus se veem, ainda por cima, obrigados a ter que provar o que lhes aconteceu no Holocausto.

O esquecimento pode dar margem à negação e à distorção da magnitude do mal perpetrado na barbárie do século XX. Por isso, os sobreviventes escrevem - para que não se esqueça. Wiesel (1984) redobra as forças para superar as dificuldades de relatar as atrocidades vividas, e manter seu compromisso para com os mortos, de transmitir a história de seu desaparecimento, ainda que incomode as pessoas trazer à tona a maldade vivida nos campos de concentração, que muitos evitam lembrar para não ter que parar para pensar. Assim optou por fazer, conforme declarou, anos depois, Theresa Stangl, esposa do comandante do campo de concentração e extermínio de Treblinka, que, buscando ignorar a verdade do trabalho do marido, evitava fazer-lhe perguntas e aceitava suas confusas explicações e mentiras - como a de que trabalhava na administração do campo e não nas execuções (TODOROV, 1995, p. 159).

INCREDULIDADE

A incredulidade é proporcional à magnitude do mal perpetrado pelo homem sobre outros homens. Em 1945, as palavras do General Dwight David Eisenhower para que se documentasse o maior número de provas possível, via filmes e fotos, já eram ditas porque, caso assim não o fizessem, o mundo não acreditaria que o Holocausto havia existido.

Sobreviventes relatam soldados nazistas no fim da guerra antevendo o futuro de incredulidade que esperava as vítimas. Assim aconteceu com Simon Wiesenthal no campo de concentração de Lwow, em setembro de 1944. Quando perguntado pelo *SS Rottenführer* (cabo) Merz, se contaria no exterior como eram os campos de concentração nazistas e o que acontecia aos judeus por lá, recebeu como resposta:

- Você diria a verdade ao povo dos Estados Unidos. Está certo. Mas sabe o que aconteceria, Wiesenthal?

Ele se levantou lentamente, olhou para mim e sorriu:
- Ninguém acreditaria em você. Eles diriam que você está louco. Seriam até mesmo capazes de metê-lo num manicômio. Como pode alguém acreditar nessa horrível história, a menos que a tenha vivido? (WIESENTHAL, 1967, p. 309)

Primo Levi alude às recordações de Simon Wiesenthal quanto ao cinismo dos SS, rindo ao avisarem do futuro descrédito aos sobreviventes:

Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos *Lager*. (WIESENTHAL *apud* LEVI, 1990, p. 1).

De fato, foi o que já vinha acontecendo com o sobrevivente Bruno Bettelheim que, desde 1940, nos EUA, tentava alertar o mundo em suas palestras acerca do que estava acontecendo aos judeus na Europa e não era ouvido nem acreditado.

Naquela época, nada se sabia nos Estados Unidos sobre os campos, e a minha história foi recebida com total descrença. Antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, as pessoas não desejavam acreditar que os alemães pudessem fazer aquelas coisas horrendas. Fui acusado de estar sendo levado pelo meu ódio aos nazistas, de sofrer de distorções paranoides. Fui avisado para não espalhar tais mentiras. Fui censurado por razões opostas, ao mesmo tempo: de que eu pintava a SS demasiadamente negra; e de que eu lhes dera demasiado crédito como se eles fossem inteligentes o suficiente para armar e sistematicamente executar tal sistema diabólico, quando todos sabiam que eles eram nada mais do que loucos estúpidos. (BETTELHEIM, 1989, p. 26).

Tomar ciência de uma notícia não implica em dar crédito a ela. Uma vez que o *pogrom* (massacre) cometido contra os judeus com a quebra das vitrines de suas propriedades no que ficou conhecida como a *Kristallnacht* (Noite de Cristais), ocorrida em 9 de novembro de 1938 em toda a Alemanha, foi amplamente noticiado nos jornais de vários países do mundo, inclusive no Brasil, questiona-se o quanto o governo dos Estados Unidos preferiu não se ater ao conhecimento das atrocidades cometidas contra os judeus e outros grupos vitimados pelos nazistas – talvez por foco em outras estratégias bélicas a partir de 1939, às quais se juntam a falta de comprometimento para com questões

estritamente humanitárias. Esse descompromisso causa indignação a inúmeros sobreviventes do Holocausto.

Os algozes estavam conscientes da desmesura do mal por eles praticado e apostavam na incredulidade daqueles dali distanciados por ser difícil de conceber tamanha transgressão dos limites do trato do homem civilizado, moderno, ilustrado. Mas, conforme assinala Galle (2012), a ideologia nazista trouxe um rompimento com a renúncia à violência, postulado de uma sociedade civilizada. E a sociedade burocratizada, militarizada e hierarquizada, dotando de poder o imediatamente superior, em uma escala social formalizada legalmente, mostrou no nazifascismo que o mal não tem limites, quando liberado em sua possibilidade de expressão, e tornando-se mesmo um dever ideológico, sujeito a privilégios quanto maior o seu requinte. O ex-comandante de Auschwitz Rudolf Höss, a fim de aprimorar o trabalho nos campos de concentração, promovia os guardas mais perversos, colocando como critério para tanto o incremento dos requintes de crueldade nas humilhações, torturas e mortes (ROUDINESCO, 2008).

A legalidade da violência e das atrocidades foi uma das questões assinaladas por Hannah Arendt (1983) em suas análises acerca do julgamento de Eichmann: como julgar como crime ações executadas por obediência à lei vigente no *III Reich*? Leis essas que colocavam como um dever à sociedade aariana a exclusão dos judeus, ciganos, homossexuais, deficientes físicos e mentais, os quais deveriam ser escoraçados das mais violentas formas. Toda uma política cultural e educacional foi implementada para promover o olhar discriminatório sobre esses grupos e, assim, revestir o comportamento em sociedade tendo por critério as proposições eugênicas impostas pelo regime totalitário vigente. As diversas formas de violência exercidas em nome de um motivo maior podem levar, segundo Galle (2012, p. 105), à formação de um mecanismo psíquico que conforma “uma supressão consciente e rotineira da empatia e um prazer clandestino no próprio poder e no sofrimento do outro”. Assim, o próprio prazer pelo exercício do poder por meio do sofrimento do outro deveria ser apagado, por ser considerado pelo modelo nazista como um valor menor, destinado aos executores que não têm pleno controle de suas paixões. Em seu lugar, o dever é colocado como meta e, para tanto, justificativas em nome da defesa do bem estar dos arianos foram propaladas, ainda que baseadas em inversões e falsas premissas. Conforme dito por Himmler a Rudolf Höss, em 1941, “os judeus são os eternos inimigos do povo alemão e devem ser exterminados. Todos os judeus ao nosso alcance devem ser aniquilados durante esta guerra. Se não conseguirmos destruir a base

biológica do judaísmo agora, então um dia os judeus destruirão o povo alemão” (HÖSS, 1992, p. 28, tradução nossa).

APAGAMENTOS

Roudinesco (2008) assinala o quanto ao praticar a denegação de suas ações os nazistas se deliciavam perversamente com seu discurso escapista frente a qualquer responsabilidade moral para com as vítimas, mas com toda a fidelidade à ideologia e ao Estado nazista ao qual obedeciam – inclusive quanto ao apagamento de vestígios das matanças em caráter industrial. A limpeza social proposta pela eugenia nazista primava por não deixar vestígios dessa maldade levada a extremos, e, para tanto, organizava-se mesmo durante suas execuções: a memória da matança deveria ser substituída por sua justificativa, e seus vestígios eliminados. Segundo Arendt (1983, p. 285), essa preocupação indicava o único indicio de consciência culpada dos nazistas: para eles, o mundo ainda não estava preparado para a novidade do assassinato em massa, e outras nações poderiam não aceitá-lo. Note-se, portanto, que a consciência culpada não se voltava para as vítimas, mas sim para a opinião pública internacional frente à imagem dos nazistas e do *III Reich*. De todo modo, a decorrente necessidade de se apagarem os vestígios fez parte de todo o planejamento das execuções em massa, seja nos campos de extermínio ou fora deles, como nas florestas e nos rios.

As execuções nas florestas eram feitas ao sopé de grandes valas cavadas pelas próprias vítimas, executadas em seguida; em execuções ao lado dos rios, como o Danúbio, os corpos caíam jogados nas águas; no fim da guerra, os nazistas incendiaram várias áreas de matança. Além disso, o nazismo matava não só a vítima, mas também a testemunha da matança – os membros do *Sonderkommando* (Comando Especial), prisioneiros judeus responsáveis pela eliminação dos corpos nos fornos crematórios, que tinham uma meia-vida de poucos meses, após os quais eram mortos e substituídos. Exceção à regra, o judeu italiano Shlomo Venezia sobreviveu, tendo sido prisioneiro de um dos últimos *Sonderkommando* em Birkenau. Em entrevista concedida à jornalista Béatrice Prasquier, ele dá o seu depoimento de raro valor e, ao ser perguntado sobre o que pensou ao ver as execuções em massa nas câmaras de gás, desde a chegada dos trens com os prisioneiros, até a incineração dos corpos após a morte por gás, ele responde:

É difícil se dar conta hoje em dia, mas não se pensava em nada; não podíamos trocar sequer uma palavra entre nós. Não que fosse proibido, mas porque estávamos aterrorizados. Nos tornamos autômatos, obedecendo às ordens e tentando não pensar, para poder sobreviver por mais algumas horas. Birkenau era um verdadeiro inferno, ninguém pode compreender e nem entrar na lógica daquele campo. É por isso que quero contar, contar o quanto puder, mas me fiando exclusivamente em minhas lembranças, naquilo que tenho certeza de ter visto e em nada mais. (VENEZIA, 2010, p.85).

Alguns membros do *Sonderkommando* conseguiram registrar o dia a dia de seu trabalho nos fornos crematórios e seus escritos foram encontrados em Birkenau, sob as montanhas de cinzas, trazendo à tona detalhes de registros dos últimos momentos das execuções nas câmaras de gás e apagamentos dos vestígios nos fornos crematórios dos campos de extermínio. Estas são, para Elie Wiesel, as páginas mais verdadeiras e sérias que ele já leu sobre aquele período.

No recinto do *Sonderkommando*, em Birkenau – mesmo lá -, havia testemunhas. Aqueles homens, mais infelizes do que todos os outros, mais lamentáveis também, haviam atingido o ápice da demência e dos limites do sofrimento: seu trabalho era queimar seus irmãos. Dia após dia, noite após noite, eles alimentavam as chamas. Em geral, viviam apenas dois meses, depois eram por sua vez queimados. E no entanto... Nunca saberei como, mas eles encontraram forças para também querer depor. Puseram-se a escrever, a descrever, a contar. Devo dizer que, durante anos, eu ouvia dizer que existiam documentos assim. Não acreditava, não podia acreditar que aqueles homens tivessem ainda tanta fé em si mesmos e em nós para transformarem em palavras uma experiência daquela natureza.

[...]

Agora, graças a eles, conhecemos os detalhes. O comportamento das vítimas já amontoadas nas câmaras de gás: agora o conhecemos. Alguns gritavam, outros se recolhiam, outros ainda se atiravam sobre os assassinos para amaldiçoá-los, outros ainda se punham a rezar, a cantar. (WIESEL, 1984, p. 127-128).

Além dos testemunhos de sobreviventes judeus, há também testemunhos por parte dos nazistas, como o do cirurgião alemão Dr. Johann Kremer, que chegou para trabalhar em Auschwitz em 31 de agosto de 1942, e no dia 02 de setembro assistiu a uma “ação especial” – judeus deportados da França sendo mortos em câmaras de gás – conforme relatou ao ser interrogado após o fim da guerra:

Estas mortes em massa ocorreram em pequenas casas localizadas fora do campo de Birkenau, em uma floresta. As casas eram chamadas de *bunkers* na gíria dos homens da SS. Todos os médicos da SS em serviço

no campo faziam turnos para participar da morte pelo gás, que era chamada de *Sonderaction*, “ação especial”. Minha participação como médico na morte por gás consistia em permanecer de prontidão perto do *bunker*.

Fui levado para lá de carro. Sentei no banco da frente, junto com o motorista, e um ordenança hospitalar da SS se sentava atrás no carro, com aparato de oxigênio para ressuscitar homens da SS empregados na morte por gás, em caso de algum deles vir a sucumbir às emanções venenosas.

Quando o transporte com pessoas que eram destinadas a serem mortas por gás chegou na rampa da ferrovia, os oficiais da SS selecionavam, dentre os recém-chegados, pessoas aptas para trabalhar, ao passo que os demais – velhos, todas as crianças, mulheres com crianças nos braços e outras pessoas não consideradas aptas para o trabalho, eram embarcados em caminhões e levados às câmaras de gás.

Eu costumava seguir atrás do transporte até que chegássemos ao *bunker*. Aí as pessoas eram inicialmente levadas para os barracões onde as vítimas se despiam e então iam nuas para as câmaras de gás. Com muita frequência não ocorriam incidentes, pois os homens da SS mantinham as pessoas tranquilas, asseverando que iriam tomar banho e serem desinfetadas dos piolhos.

Depois de conduzir todos eles para as câmaras de gás, a porta era fechada, e um homem da SS com máscara antigás despejava o conteúdo de uma lata de Zyklon B por uma abertura em uma parede lateral. Os gritos e berros das vítimas podiam ser ouvidos pela abertura e era claro que estavam lutando por suas vidas.

Estes gritos eram ouvidos por um período muito curto. Eu diria que por alguns minutos, mas não sou capaz de informar a duração exata. (KREMER *apud* GILBERT, 2010, p. 464-465).

Note-se que a função de Kremer era ficar de prontidão junto à câmara de gás para cuidar dos soldados da SS caso algum deles sofresse algum efeito colateral durante a morte dos prisioneiros por gás. Não havia nenhum olhar para as vítimas, a não ser de as considerarem pragas que deveriam ser efetivamente exterminadas.

Além do apagamento material, o apagamento ideativo também era necessário. E a inversão foi um dos mecanismos utilizados para tentar se atingir esse intento - ainda que chegando a enunciações absurdas. Assim foi em 1938, com a culpabilização dos judeus pelos prejuízos da *Kristallnacht*, pelo que foram multados em um bilhão de marcos alemão, pago compulsoriamente com o confisco de vinte por cento das propriedades dos judeus alemães (GILBERT, 2010) – mesmo após os próprios terem sido o alvo lesado, com a quebra das vitrines de seus estabelecimentos comerciais e destruição de suas sinagogas. E ainda anos depois, já no fim da guerra, Hitler, em seu testamento, deixa sua mensagem final num discurso cheio de inversões, culpando os judeus como responsáveis pela deflagração da guerra e pela derrota alemã, e afirmando que “todas as vítimas da

Solução Final eram, na realidade, os verdadeiros artífices do crime contra a humanidade que tentavam imputar aos nazistas” (ROUDINESCO, 2008, p. 138).

Os revisionistas tentam argumentar que as vítimas, notadamente os judeus, aumentam em suas narrativas acerca do suposto mal vivenciado. Valem-se da dificuldade de se imaginar o mal perpetrado naquela escala para tentarem provar que o Holocausto não aconteceu – pelo menos não na proporção narrada pelas vítimas, pois, como desdenhou diretamente um ex-SS à judia berlinense Ruth A., uma vez que ela sobreviveu aos campos, a vida lá não devia ser tão ruim assim.... A exemplo desse episódio, a falta de qualidade nos vínculos sociais contribuiu para que Ruth guardasse dentro de si e não falasse de suas dores dos campos de concentração (POLLAK, 2010).

REAÇÕES

A postura negacionista é retraumatizante, por trazer a denegação como estratégia e objetivo, anulando a dor e a realidade de milhões de seres humanos, como é sentido pelo sobrevivente Samuel Rozenberg: “Meu pai perdeu dois irmãos, minha mãe cinco, com cônjuges e filho. E ainda tentam negar o Holocausto” (ROZENBERG, 2004, p. 45).

Em entrevistas a sobreviventes do Holocausto, encontramos falas de tristeza diante do negacionismo do Holocausto, como ilustra o polonês Chaim Najman: “[...] já me perguntei para que sobreviver? Para escutar uns canalhas dizerem que tudo isso é mentira? Não vale a pena” (LEVY, 2014, p. 95).

Em 31 de agosto de 2015, aos 102 anos de idade, a sobrevivente judia iugoslava Maria Yefremov, residente no Rio de Janeiro, disse não temer os grupos revisionistas e negacionistas, e simplesmente reafirmou: “Eles mentem. Estão errados. Se duvidam, que venham falar comigo. Mas nós, sobreviventes, estamos morrendo, e as pessoas precisam continuar a lembrar do que aconteceu no Holocausto” (informação verbal).

Para a sobrevivente Betty Herscovici, nascida na Bessarábia, e residente em São Paulo, “os que tapam o sol com a peneira, tentando esquecer o passado, ignoram o presente furtando-se às responsabilidades... O negacionismo, que está sempre presente protegendo os algozes, nada mais é do que o reflexo do ocorrido” (HERSCOVICI; CASTRO, 2014, p.45).

Elie Wiesel prefere nem nominar os revisionistas para não lhes dar cartaz. No entanto, não há como não denunciá-los.

A mentira sobre Auschwitz, A fraude do século, A verdade sobre o Holocausto: eis alguns de seus títulos. Eles organizam seminários e palestras nacionais e internacionais para “demonstrar” que as câmaras de gás nunca existiram, que não houve “solução final”, que os judeus inventaram sua própria tragédia – eu ia dizer sua própria morte – para extorquir lágrimas e dinheiro das nações assim inculpadas. O que dizer? Como dizer? Não se responde à vulgaridade, não se discute com a fealdade. Continua-se seu caminho, prossegue-se a narrativa. (WIESEL, 1984, p. 92, grifos do autor).

Para Wiesel, a forma de combatê-los continua sendo a lembrança, o continuar a contar, a pormenorizar a respeito da *Shoah*. Respirar e tomar fôlego para combater a mentira com mais detalhes da verdade vivida, perpassando diversas vezes as dores:

Cúmulo da ironia, cúmulo da tortura: os sobreviventes são constrangidos a mostrarem suas chagas, a dizerem coisas que, por pudor, alguns preferem calar; eles são obrigados a enfrentar acusadores indecentes que os privam de seu passado (WIESEL, 1984, p. 93).

De fato, os encontros internacionais revisionistas continuam ao longo de décadas. Em setembro de 1979, reuniram-se em Los Angeles, em um congresso anual, oferecendo um prêmio a quem oferecesse provas das câmaras de gás para matar os judeus. (VIDAL-NAQUET, 1988, pp. 38-39) - mesmo com os registros tanto de sobreviventes quanto de nazistas que testemunharam as “ações especiais”, nome dado às execuções nas câmaras de gás, como ilustrado acima na descrição feita pelo cirurgião nazista Johann Kremer.

Em abril de 2015, o Hotel Grosvenor, em Londres, sediou o maior Congresso internacional de revisionismo já realizado no Reino Unido, reunindo militantes neonazistas de toda a Europa, Estados Unidos e Canadá, que insistiam em acusar os judeus de distorcerem a História (GRINBAUM, 2015, pp. 20-21), com argumentações que se repetem por anos a fio, contribuindo para uma formação ideativa estigmatizante que facilita a propagação da imagem distorcida dos judeus.

O *Jornal O Globo* de sexta-feira, 21 de agosto de 2015, trouxe uma reportagem sobre o ex-líder do partido de extrema-direita francês Frente Nacional, Jean-Marie Le Pen, que foi expulso do partido que fundou e do qual recebera o título de presidente vitalício. Isso porque suas declarações inúmeras vezes reafirmada de que as câmaras de gás nazistas foram “um detalhe da história” da Segunda Guerra Mundial não contribui positivamente para a imagem do partido, que tenta hoje se livrar da reputação de

antissemita, advinda dos inúmeros comentários públicos racistas e antisemitas de Le Pen. O excluído anunciou sua intenção de recorrer à justiça contra a sua expulsão, e defendeu-se proclamando seu direito à liberdade de expressão – uma das argumentações há tempos utilizadas pelos revisionistas, como vimos acima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo anos depois do fim o III *Reich*, a atitude negacionista promove um choque ao colocar em xeque a realidade vivida, negando sua ocorrência. Isso avilta aqueles que vivenciaram a situação em questão, pois têm a sua própria história de vida colocada em suspeita. A vivência pessoal e grupal não ratificada sócio historicamente promove um hiato entre os sujeitos e o mundo no qual estão inseridos, numa disparidade de referências que incrementa, de um lado, processos de exclusão e, por outro, as dores do desrespeito. O presente trabalho constitui uma contribuição para a superação desse hiato.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAHAM, Ben. **Holocausto**. São Paulo: WG Comunicações e Produções, 1976. 160. p.

ABRAHAM, Ben. **Izkor**. São Paulo: Parma, 1979. 81. p.

ABRAHAM, Ben. **“O Anjo da Morte”**: Dossiê Mengele. São Paulo: Sherit Hapleitá do Brasil, 1985. 111. p.

ABRAHAM, Ben. **Janusz Korczak**: coletânea de pensamentos. São Paulo: Associação Janusz Korczak do Brasil, 1986. 164. p.

ABRAHAM, Ben. **Diário de um repórter**. São Paulo: Sherit Hapleitá do Brasil, 1989. 180. p.

ABRAHAM, Ben. **Memórias**: retrospectiva dos fatos. São Paulo: Sherit Hapleitá do Brasil, 1996. 380. p.

ARENDR, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Diagrama & Texto, 1983. 314. p.

BETTELHEIM, Bruno. **Sobrevivência e outros estudos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. 401. p.

DENIAL. Direção: Mick Jackson. Produção: Russ Krasnoff; Gary Foster; Celia Duval. Intérpretes: Rachel Weisz; Tom Wilkinson; Timothy Spall e outros. Roteiro: David Hare e Deborah Lipstadt. Culver City: Sony Pictures, 2016. 1 bobina cinematográfica (110 min.), son., color, 35 mm.

FAINGOLD, Reuven. Shoá: revisão ou negação: o mito dos seis milhões. **Morashá**, n.71, abr. 2011. Disponível em: [http://www.morasha.com.br/holocausto/revisao-ou-negacao-o-mito-dos-seis-milhoes.html#q=reuven faingold](http://www.morasha.com.br/holocausto/revisao-ou-negacao-o-mito-dos-seis-milhoes.html#q=reuven%20faingold). Acesso em: 25 fev. 2020.

GALLE, Helmut. Anständig geblieben: sobre a autoimagem nas memórias de perpetradores nazistas. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot. (ed.). **Escritas da violência**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. v. 1, p. 90-106.

GILBERT, Martin. **O Holocausto**: história dos judeus na Europa na segunda guerra mundial. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 1022. p.

GRINBAUM, Victor. A inesperada voz da razão. **Menorah**, Rio de Janeiro, n. 668, p. 10-21, maio 2015.

HERSCOVICI, Betty; CASTRO, Malu de. **Transnistria**: o destino de uma sobrevivente do Holocausto. São Paulo: Humanitas, 2014. 222. p.

HÖSS, Rudolph. **Death dealer**: the memoirs of the SS Kommandant at Auschwitz. Buffalo: Prometheus Books, 1992. 390. p.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.126. p.

LEVY, Sofia Débora. **Holocausto**: vivência e retransmissão. São Paulo: Perspectiva, 2014. 216. p.

O GLOBO. Falas racistas fazem Frente Nacional expulsar fundador. **O Globo**, Rio de Janeiro, Mundo, p. 29, 21 ago. 2015.

POLLAK, Michael. A gestão do indizível. **Webmosaica - Revista do Instituto Cultural Marc Chagal**, Porto Alegre, v. 2, n.1, p. 9-49, jan./jun. 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos**: uma história dos perversos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. 222. p.

ROZENBERG, Samuel. **Codinome: Paul Allain**: memórias de um sobrevivente do Holocausto. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/Garamond, 2004. 124. p.

TODOROV, Tzvetan. **Em face do extremo**. Campinas: Papirus, 1995. 350. p.

VERDADE1945. [S.l.: s.n.], 2007. Disponível em:
<http://www.verdade1945.blogspot.com.br/2007/10/grande-farsa-do-holocausto-judeu.html>. Acesso em: 04 jan. 2019.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória:** um Eichmann de papel e outros ensaios sobre o revisionismo. São Paulo: Papirus, 1988. 215. p.

VIGNOLES, Patrick. **A perversidade.** Campinas: Papirus, 1991. 187. p.

WIESEL, Elie. **Palavras de estrangeiro.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984. 185. p.

WIESENTHAL, Simon. **O caçador de nazistas.** Rio de Janeiro: Bloch, 1967. 309. p.

RECEBIDO EM: 04/03/2020

PARECER DADO EM: 03/08/2020

